



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

O CORPO EM QUESTÃO: METAMORFOSE PSÍQUICA A PARTIR DAS ATIVIDADES FÍSICAS ¹

Carlos Alberto de Andrade COELHO FILHO

Professor do Curso de Educação Física
UGF

RESUMO - *Este trabalho pretende discutir certas imagens da atividade física em nossa cultura. A partir da metáfora do malhar e do homem falando, estou interessado em sintomas que desvelem a memória do corpo. Essa memória revela-se como história, como ideologia. Segundo Eni Puccinelli Orlandi, em seu livro *Análise de Discurso* (2001, p. 9), é preciso saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico, é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político.*

Palavras-chave: Corpo; sensibilidade estética; metamorfose.

¹ Trabalho apresentado no NP18 – Núcleo de Pesquisa Mídia Esportiva, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTRODUÇÃO

Eventualmente o leitor já terá em mente um conjunto de idéias sistematizadas ou em vias de sistematização acerca da malhação, do ato de exercitar o corpo. Ora, os sistemas em geral tendem a aprisionar a reflexão, a fechar os horizontes. Assim, este estudo deseja contribuir com a abertura do pensamento e da ação na direção de possibilidades que mostrem novos horizontes e caminhos. Como afirma Henry Lefebvre em *O Direito à Cidade* (1991, p. 1), é contra um modelo de reflexão que tende para o formalismo que um pensamento que tende para a abertura trava o seu combate.

O exercício físico, quase tanto quanto o racional, está em pauta. Há um discurso, à disposição da mídia e na mídia, que mostra o crescente interesse pelo corpo, pelo culto ao corpo (que tornou-se ideal de consumo, em que as pessoas investem dinheiro), pelo corpo que malha na atualidade, e que levanta preocupações com os rumos que ele vêm apresentando, especialmente pela ausência de uma proposta que aproxime os indivíduos da autonomia e da reflexão sobre o próprio corpo.

Em geral, o trato com o corpo no interior das práticas relacionadas à malhação, tem sido feito a partir dos parâmetros da técnica e de uma certa racionalidade oriunda das ciências biomédicas, no sentido de projetar o corpo perfeito para uma saúde perfeita.

Mas, afinal, que corpo atende à pauta?

Qual é o corpo que surge no terceiro milênio?

O corpo que surge no terceiro milênio é o corpo que no passado recente foi experimentado, explorado e torturado nos campos de concentração; é também o corpo fruto da revolução sexual, com o advento da psicanálise, o questionamento da moral cristã e das grandes sacudidas sócio culturais geradas a partir das guerras mundiais e da emergência da mulher como sujeito autônomo. Também é o corpo surgido dos avanços da medicina; o corpo que inspira os deslumbrantes progressos biológicos do

1 Trabalho apresentado no NP18 – Núcleo de Pesquisa Mídia Esportiva, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

intercâmbio de órgãos, estendendo a vida mais além do que o próprio prazo, porém, também, o corpo submetido à ameaça iminente da genética seletiva.

Esse é o corpo que irrompe na imagem e na linguagem diárias, que invade a TV, os jornais, as revistas, o cinema e a literatura contemporânea: um corpo que se afirma em sua progressiva desnudez e uma perfeição obsessiva, por sua própria adesão às leis do mercado. Em certo sentido, é o corpo criado e recriado pela publicidade, as Barbies, o mundo dos modelos e dos modismos. As academias, as dietas, os esportes, a cirurgia estética, a anorexia e a bulimia, a pornografia na internet... Contudo, é também o corpo que traduz e decifra nossos desejos e temores, o corpo que alcança a profundidade dos oceanos e caminha nas planícies da lua. É o corpo contemporâneo, que se desenvolve na cultura e no universo, multiplicando seu poder (e seu poder sobre os outros) em inesperadas dimensões.

O CORPO MALHADO PELA ÓTICA DA EXPERIÊNCIA

A percepção em forma de metáfora ocorre não só na poesia como na ciência, mas também em outras áreas da vida humana. Uma metáfora pode ter uma força extraordinária, não só pode ampliar o processo do pensamento na ciência, como também pode penetrar em áreas ainda desconhecidas da realidade, até certo ponto implícitas na metáfora. A palavra malhar, etimologicamente, tem em si a idéia de mancha (mácula), de tecer e trançar, de bater, contundir e dar pancada, de castigar o corpo, de zombar e escarnecer.

Num caso exemplar, a imagem metafórica do malhar aparece remetendo ao sentido etimológico de tecer - fibras musculares -, talvez dar pancada e castigar o corpo da

1 Trabalho apresentado no NP18 – Núcleo de Pesquisa Mídia Esportiva, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



mulher desejada nos modernos aparelhos de musculação (esculpindo e esculpindo-se). Segue alimentando e mutilando a memória erótica, a satisfação do macho.

No caderno de esportes de O Globo (28/03/1999), o jornalista Renato Maurício Prado comenta:

“Fui escrever aqui que Danielle Favatto, Susana Werner e Tiazinha tinham algo em comum, choveu e-mail perguntando se a coincidência era o Romário, o Ronaldinho ou qualquer outro namorado. O que é isso minha gente? As três apenas malham com o mesmo personal, autêntico físico-escultor de gatas”.

Em um capítulo do livro *A Terra e os Sonhos da Vontade* (1942, p. 37), Gaston Bachelard estuda a vontade incisiva, as matérias duras e as características agressivas dos instrumentos. Diz o autor que o instrumento tem uma função dupla e ambígua: de um lado, a destruição e agressão contra a matéria; de outro, o sentido de dominar a matéria e o objeto a ser trabalhado. De qualquer modo, o instrumento dá à agressão um futuro. Bachelard fornece, portanto, alguns elementos para uma psicanálise do entalhador complexado, sempre diante do mármore e cortando o corpo de pedra da mulher imaginária, para possuir visualmente o objeto ideal de seu investimento libidinoso.

As condições discursivas dessa imagem psíquica da identificação serão esclarecidas se pensarmos na arriscada perspectiva do próprio conceito da imagem, como vai nos falar Homi K. Bhabha no seu livro *O Local da Cultura* (1998, p. 85), pois a imagem - como ponto de identificação - marca o lugar de uma ambivalência. Sua representação é sempre espacialmente fendida - ela torna presente algo que está ausente - e temporalmente adiada: é a repetição de um tempo que está sempre em outro lugar, uma repetição.

É em torno de todo esse filão que os outros só têm uma estratégia comercial da nulidade estética contemporânea - como nos diz Baudrillard em *Tela Total: Mito-Ironias da Era do Virtual e da Imagem* (1997), no capítulo *O Complô da Arte* (p. 151) -, à qual dão forma publicitária, a forma sentimental da mercadoria.



Para este autor (ib.), se na pornografia ambiente foi perdida a ilusão do desejo, na arte contemporânea perdeu-se o desejo de ilusão. No pornô, não há espaço para o desejo. Depois da orgia e da liberação de todos os desejos, entramos no transexual, no sentido de transparência do sexo, signos e imagens que apagam todo o segredo e toda ambigüidade. Transexual remete à ausência de ilusão do desejo e à hiper-realidade da imagem. O mesmo vale para a arte, que também perdeu o desejo de ilusão, em benefício da elevação de tudo à banalidade estética, convertida em transestética (da visibilidade, da transparência inexorável das coisas).

Na realidade, não há mais pornografia propriamente dita, pois a pornografia está virtualmente por toda parte, porque a essência do pornográfico instalou-se em todas as técnicas do visual e do televisual. Segundo Baudrillard, talvez, no fundo, nos limitemos interpretar a comédia da arte, assim como outras sociedades representam a comédia da ideologia; a italiana, por exemplo (mas não é a única), reproduz a comédia do poder, do mesmo modo que nos servimos da comédia do pornô na publicidade obscena das imagens do corpo feminino.

Esse strip-tease perpétuo, fantasmas do sexo escancarado, chantagem sexual - seria insuportável se tudo isso fosse verdade, afirma Baudrillard. Mas, felizmente, continua o autor, é demasiado evidente para ser verdadeiro. A transparência é bela demais para ser verdadeira. Quanto à arte, demasiado superficial para ser verdadeiramente uma nulidade. Deve haver um mistério aí. Deve existir um ângulo sob o qual toda essa exploração do sexo e dos signos obtém pleno sentido. Que será que se esconde por trás desse mundo falsamente transparente?

A arte, para Baudrillard, interpretando o desaparecimento do seu objeto e o seu próprio desaparecimento, ainda era uma grande obra. Mas, pergunta Baudrillard: e a arte tentando se reciclar indefinidamente apropriando-se da realidade? Segundo ele, a maior parte da arte contemporânea dedica-se precisamente a isto: apropriar-se da banalidade,



do dejetivo, da mediocridade como valor e ideologia. A passagem ao nível estético nada salva, bem ao contrário: é a mediocridade ao quadrado. Pretende ser uma nulidade.

A duplicidade da arte contemporânea, para Baudrillard, resume-se a isto: reivindicar a nulidade, visar à nulidade quando já se é nulo. Postular a superficialidade em termos superficiais. E há, depois, o delito de iniciado, os falsários da nulidade, o esnobismo da nulidade, dos que prostituem o nada ao valor com fins utilitários. Num certo sentido, é pior do que nada, pois isso significa nada, mas ainda assim existe, dando-se todas as boas razões de existir. Essa paranóia cúmplice da arte implica o fim do juízo crítico possível. Sobra a divisão amigável, forçosamente convival, da nulidade. Eis o complô da arte e sua origem, protegido contra o pensamento. É a busca do “bom funcionamento do corpo” via ciência.

Essa articulação torna-se crucial se considerarmos que o corpo está sempre simultaneamente (mesmo que de modo conflituoso) inscrito na economia do discurso, da dominação e do poder, como na economia do prazer e do desejo. Assim, se Baudrillard vai dizer que a arte contemporânea explora esse conflito, essa impossibilidade de um juízo de valor estético consistente, é justamente pela via da sensibilidade estética que proponho dirigir o pensamento e a ação. Acredito que o caráter simbólico e o prazer da experiência constituem sentidos importantes para o corpo que pratica atividades físicas regulares. Abrem-se assim em significados que me parecem relevantes e que precisam ser investigados no contexto da produção do conhecimento psíquico do corpo.

Nessa linha de pensamento que critica o racionalismo como obstáculo à compreensão da vida em seu desenvolvimento, Edgar Morin em *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro* (2000, p. 42) ressalta que o princípio de redução leva naturalmente a restringir o complexo ao simples. Assim, aplica às complexidades vivas e humanas a lógica mecânica e determinista da máquina artificial. Pode também cegar e conduzir a excluir tudo aquilo que não seja quantificável e mensurável, eliminando, dessa forma, o



elemento humano do humano, isto é, paixões, emoções, dores e alegrias. Da mesma forma, quando obedece ao postulado determinista, o princípio de redução oculta o imprevisto, o novo e a invenção.

Observemos o depoimento de Bernadete, 60 anos, praticante de Tai-Chi-Chuan (que também se encontra no espectro das atividades físicas):

“Eu descobri aos 50 anos que já não tinha mais assim tanta agilidade. Eu entrava no ônibus e tinha que me segurar de todas as formas para... não, não... Eu levava um tombo de qualquer forma, porque eu não sabia como me segurar. Hoje eu faço Tai-Chi dentro do ônibus. Estava até comentando. Uma vez eu estava fazendo um curso na PUC e eu tinha que apanhar dois ônibus. Então desta vez eu apanhei o ônibus por volta de cinco horas. O ônibus estava muito lotado com estudante, de tudo quanto era forma, não tinha onde pisar. Aí eu fui pensando assim como ia atravessar da roleta até a frente, naquele espaço de tempo tão curto. Mas aí eu me lembrei de que eu não estava mais no antigamente, tinha vencido todas as dificuldades. Eu então flutuei em cima das mochilas, em cima de estudante, e quando chegou no ponto eu já estava lá na frente, que foi questão de segundos. Então eu acho que quando eu apanho ônibus também, que eu adoro andar de ônibus para me testar e saio tranqüila sem segurar em nada”.

Bernadete “não estava mais no antigamente”. Roger Caillois, na obra *Os Jogos e os Homens* (1990, p. 44), supõe um mundo de improviso, um desdobramento do mundo do ator e do papel que ele desempenha em meio ao pânico e à desordem. Fingir que se é outro aliena e extasia, diz Caillois. A máscara embriaga. Segundo o autor, esta parece ser uma metamorfose da vida do sujeito. Bernadete “flutua”. Esse improviso insere-se na esfera do sagrado e fornece o impulso e o fascínio que esse nível de sagrado exerce sobre o praticante, subjugando-lhe o raciocínio e a vontade, tornando-o prisioneiro do êxtase em que julga ser um deus. Em plena perturbação, o sujeito se entrega e passa a acreditar que sofre uma transformação.



Pode-se postular, com base em Caillois, que Bernadete, praticante de Tai-Chi-Chuan, adota a vertigem, voltando-se em alguns momentos para a potência subversiva do lúdico. Aproxima-se da paidia quando se excita, enfrenta e supera obstáculos, realiza proezas; e tende para o ludus, o pólo normalizado e de integração, quando metamorfoseia a paidia se autocontrolando, disciplinando-se no treinamento, resistindo à fadiga e ao sofrimento (ao peso da idade?), ou ainda, pela meditação, em simbiose com o ser-natureza, esse ser-cósmico que existe no interior das pessoas, adotando um estado de calma e tranquilidade.

Friedrich Schiller, em *Cartas Sobre a Educação Estética da Humanidade* (1991), afirma que o impulso lúdico é resultante de uma ação recíproca entre os impulsos sensível (vida) e formal (forma), identificando-se com a humanidade do homem. Ele equilibra realidade e forma. O impulso sensível, que parte da natureza do homem ou da própria existência física, submetendo-o às limitações do tempo e tornando-o matéria (modificação ou realidade que preenche o tempo), acentua o caráter instintivo da função estética; o impulso formal, que parte da natureza racional do homem ou da existência absoluta, tem por objetivo libertar o homem, possibilitar a harmonia aos fenômenos e afirmar sua pessoa. O impulso sensível fornece casos e o impulso formal fornece leis para todos os juízos e vontades. Para Schiller, o sensível e o racional são necessidades que humanizam, visto que se permeiam e se complementam em suas oposições.

Os limites desses impulsos contraditórios são dados pela cultura, que resguarda a sensibilidade das intervenções da liberdade e defende a personalidade de seu poder, cultivando as faculdades sensível e racional. No impulso lúdico, razão e sensibilidade atuam conjuntamente e dão ao homem um estado de liberdade diante do Belo, porque o homem, diante do Belo, joga, amplia a satisfação de seu impulso lúdico (Schiller, 1991, Carta XIII).

Assim, tem-se como problema fundamental esta constante tensão entre a sensibilidade e a racionalidade no corpo que surge no terceiro milênio. Portanto, revelar a memória do

1 Trabalho apresentado no NP18 – Núcleo de Pesquisa Mídia Esportiva, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

corpo que malha, do corpo que pratica atividade física, requer uma análise de sua dinâmica em relação ao mundo, onde seu movimento não é apenas a extensão de conhecimentos racionais - porque se assim o é, o que se tem é o homem ser-máquina, o homem ser-simulacro, o homem ser-morto, de que nos falava Baudrillard -, mas também e talvez sobretudo uma experiência de luta contra a morte, contra a rotina. Não da luta pela sobrevivência, mas da luta por um sentido humano de viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresento aqui algumas idéias que estou aprofundando no Doutorado e que pretendem dar continuidade a pesquisas anteriores por mim realizadas com a temática do corpo, por ocasião do Mestrado em Educação Física na Universidade Gama Filho, que evoluíram para o trabalho apresentado ao final do Curso, a Dissertação cujo título é O Discurso do Profissional de Ginástica em Grandes Academias no Rio de Janeiro (1998).

Em diferentes oportunidades vividas ao longo de minha experiência profissional, observei que muitas vezes o professor de educação física que atua na escola, na universidade ou fora dela, influenciando e sendo influenciado pela publicidade e pela sociedade de consumo, age dentro dos modelos tecnicistas, da objetividade do movimento, com objetivos explícitos de estética corporal, sem ter consciência do seu papel educativo e social.

Vemos, na sociedade de hoje, extremamente influenciada pelos meios de comunicação de massa, a aproximação do ser humano do fenômeno do culto ao corpo, muitas vezes apreendido sem uma percepção crítica. Multiplicam-se as instituições de nível superior para atender à demanda do mercado da malhação, incorporando propostas de formação especializada.

1 Trabalho apresentado no NP18 – Núcleo de Pesquisa Mídia Esportiva, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Ao mesmo tempo, suspeito que a educação física não esteja compreendendo, ou mesmo contemplando com maior valor na formação acadêmica, às tendências educativas, por carência de dados referentes às representações do corpo que se movimenta no lazer.

Espera-se, portanto, com esse trabalho e seus desdobramentos, trazer contribuições - epistemológicas e metodológicas - para os estudos dos aspectos subjetivos do corpo, constituindo uma práxis da metamorfose psíquica a partir das atividades físicas.

BIBLIOGRAFIA CITADA

BACHELARD, G. (1942). *La terre et les rêves de la volonté*. Paris: Corti.

BAUDRILLARD, J. (1997). *Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem*. Porto Alegre: Sulina.

BHABHA, H. K. (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG.

CAILLOIS, R. (1990). *Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem*. Lisboa: Edições 70.

COELHO FILHO, C. A. de A. (1998). *O discurso do profissional de ginástica em grandes academias no Rio de Janeiro*. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF.

COSTA, V. L. DE M. (2000). *Esportes de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário*. Rio de Janeiro: Manole.

MORIN, E. (2000). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez.

1 Trabalho apresentado no NP18 – Núcleo de Pesquisa Mídia Esportiva, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

LEFEBVRE, H. (1991). O direito à cidade. São Paulo: Moraes.

ORLANDI, E. P. (2001). Análise de discurso. Campinas: UNICAMP.

SCHILLER, F. (1991). Cartas sobre a educação estética da humanidade. São Paulo:
EPU.